



# TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A UTILIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL COMO FACILITADORA DA INCLUSÃO

Carina de Moura Machado<sup>1</sup>  
Laísa Veroneze Bisol<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo aborda a inclusão de estudantes com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas de ensino regular, destacando a eficácia da literatura infantil como ferramenta pedagógica para facilitar esse processo. Utilizando uma metodologia bibliográfica, a pesquisa explora como práticas baseadas em evidências e abordagens universalistas, como o Ensino Colaborativo, podem ser integradas para personalizar o ensino e atender às necessidades específicas dos alunos com TEA. O estudo identifica que a colaboração entre professores de ensino regular e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) é crucial para a implementação de estratégias pedagógicas eficazes. A literatura infantil é destacada como uma ferramenta poderosa que, ao ser integrada com Narrativas Sociais, pode promover o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e comportamentais. A utilização de histórias que refletem o cotidiano dos alunos permite a contextualização de comportamentos desejados, facilitando a compreensão e interação social dos estudantes com TEA. Os resultados indicam que a aplicação de práticas fundamentadas em evidências, como a Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) e as Narrativas Sociais, é fundamental para maximizar o aprendizado e a inclusão dos alunos no ambiente escolar. No entanto, o estudo também aponta que a análise teórica limita a generalização para contextos práticos, ressaltando a necessidade de estudos empíricos para validar a eficácia das estratégias discutidas. Além disso, o artigo sugere a importância da formação continuada dos professores, tanto do ensino regular quanto do AEE, para garantir uma implementação eficaz das práticas inclusivas. O fortalecimento da colaboração entre os docentes é visto como um pilar essencial para criar ambientes de aprendizagem que promovam a inclusão e o desenvolvimento de todos os alunos. Concluímos que a articulação entre práticas pedagógicas baseadas em evidências e abordagens universalistas não apenas facilita a inclusão de estudantes com TEA, mas também beneficia toda a comunidade escolar. A pesquisa reforça a importância de adaptar as práticas educacionais para atender à diversidade de necessidades dos alunos, promovendo um ambiente de aprendizagem mais acessível e significativo. Ao considerar a literatura infantil como recurso central, o artigo destaca seu potencial para engajar os alunos e enriquecer o ambiente escolar, fomentando uma cultura de respeito e valorização da diversidade.

**Palavras-chave:** Inclusão, Literatura Infantil, Transtorno do Espectro Autista, Práticas Baseadas em Evidências, Ensino Colaborativo.

## INTRODUÇÃO

Ao considerar o atual contexto educacional no Brasil, no qual vemos uma crescente nas matrículas dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), se faz necessário refletir sobre as práticas universalistas que contemplem o desenvolvimento das especificidades

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões - URI, Licenciada em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: a [105622@uri.edu.br](mailto:105622@uri.edu.br)

<sup>2</sup> Doutora em Letras- UFSM, Doutora em Comunicação e Informação Contemporânea pela Universidade de Santiago de Compostela (ES). Mestre em Letras – URI. Jornalismo – UFSM. Docente do PPGEDU- URI/FW. E-mail: [laisabisol@uri.edu.br](mailto:laisabisol@uri.edu.br)



encontradas como características deste transtorno. Ao abordar as práticas universalistas, destaca-se o Ensino Colaborativo, Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), Sistema de Suporte Multicamadas (SSM), entre outros. O TEA tem como principais características, déficits de comunicação social, presença de padrões repetitivos, restritos e estereotipados de comportamento, atividades ou interesses (APA, 2015). Conforme Schmidt (2017)

Uma determinada criança pode apresentar sérias dificuldades na área sociocomunitiva, como a ausências de linguagem e resistência à aproximação de outras crianças, ao mesmo tempo em que podem não estar presentes estereotipias motoras, sendo o comportamento mais adaptativo e flexível a mudanças. Entretanto, outra criança com o mesmo diagnóstico pode apresentar uma linguagem verbal desenvolvida que facilite a comunicação, concomitante ao uso de expressões faciais adequadas ao contexto, porém acompanhadas por comportamentos extremamente rígidos, com reações negativas às mudanças no ambiente. (Schmidt, 2017, p. 255)

Logo, em cada uma dessas características, o estudante com TEA apresenta um leque de possibilidades que os tornam únicos por suas individualidades, e para que possamos trabalhar e incentivar que eles se desenvolvam de forma efetiva, é fundamental conhecer caminhos que nos permitam atingir nossos objetivos de aprendizagem.

Com base nas características apresentadas, propomos práticas que qualifiquem o processo de inclusão dos estudantes com TEA no contexto da escola regular. Dentre essas práticas, destacamos o uso da literatura infantil como facilitadora dos processos inclusivos. Segundo Zilberman (2012), a literatura infantil é um instrumento que reflete e multiplica as normas sociais em vigor, podendo ser utilizada como recurso pedagógico no contexto escolar. A autora complementa que “ela sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade que possui amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente” (2012, p. 14), fundamentando a importância do uso da literatura infantil como recurso também aplicável aos alunos com TEA.

Em consonância com a concepção de literatura infantil aqui apresentada, é possível refletir sobre suas semelhanças com uma das Práticas Baseadas em Evidências (PBE) chamada Narrativas Sociais. De acordo com Steinbrenner (2020, p. 29), essas narrativas são “intervenções que descrevem situações sociais para destacar as características relevantes de um comportamento-alvo e oferecem exemplos de respostas adequadas”. Isso evidencia o potencial da literatura infantil em contextos que promovam o desenvolvimento de habilidades sociais nos estudantes com TEA.

Este estudo, de natureza bibliográfica, analisa artigos e livros consolidados para identificar práticas pedagógicas que contribuem para a inclusão dos estudantes com TEA. Tal compreensão permite o planejamento de futuras intervenções práticas, com foco na literatura infantil, integrando suas concepções para promover o desenvolvimento e auxiliar nos processos inclusivos desses alunos no ensino regular.

A partir dessa análise, delinear-se caminhos para que a literatura infantil funcione como uma ferramenta inclusiva, alinhando-se às Práticas Baseadas em Evidências (PBE) e às abordagens universalistas. Esse alinhamento busca auxiliar no processo de aprendizagem e na participação efetiva dos estudantes com TEA na escola regular.

Assim, este artigo contribui para a inclusão dos estudantes com TEA no ensino regular ao destacar caminhos como o ensino colaborativo, a aplicação de estratégias baseadas em evidências e o estímulo a discussões que ampliem as compreensões sobre ferramentas capazes de transformar as práticas educacionais.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

TEA: DESAFIOS EDUCACIONAIS



O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem apresentado um aumento significativo nas escolas brasileiras. De acordo com dados do Censo Escolar, o número de matrículas subiu de 429.521 em 2022 para 636.202 em 2023, representando um crescimento expressivo no contexto da educação básica (Brasil, 2023).

Os estudantes com esse transtorno são caracterizados por "apresentarem comprometimentos cognitivos (atenção, funções executivas, linguagem, etc.) e comportamentais ao longo da vida, que podem impactar na aprendizagem e no desenvolvimento de modo geral" (Teixeira; Augusto, 2024, p. 183). Diante disso, torna-se essencial que o contexto escolar compreenda com clareza as manifestações dos sinais e sintomas do TEA, contribuindo de maneira efetiva com os demais serviços que esses alunos necessitam.

Teixeira e Augusto (2024, p. 188-189) também reiteram que

a escola também exerce papel fundamental na identificação dos sintomas de TEA, sendo o professor outro agente importante para fornecer orientações e informações às famílias e aos profissionais de saúde mental, já que as habilidades acadêmicas e sociais são adquiridas e desenvolvidas principalmente nesse ambiente" (2024, p. 188-189).

No entanto, ao analisarmos as políticas públicas voltadas para as pessoas com TEA, podemos observar que são poucos os modelos oficialmente estabelecidos no Brasil. Destacam-se a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), bem como a Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015), que apresenta orientações sobre o Atendimento Educacional Especializado (AEE) nas escolas brasileiras. Essas políticas abordam o modelo de atendimento na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), onde os alunos são atendidos pelos professores do ensino regular durante o ano letivo e, no contraturno, pelo professor de educação especial.

No entanto, Schmidt, Nunes e Finatto (2024) apontam que há uma

desarticulação entre o trabalho realizado pelos profissionais do AEE e o professor de sala regular, visto que as práticas desenvolvidas nas SRMs seguem um modelo clínico, individualizado, em formato um a um, em local separado de sala de aula" (Schmidt, Nunes e Finatto, 2024, p. 126).

Para que essa articulação seja efetiva, é fundamental que consideremos práticas que envolvam o contexto da sala de aula regular, visto que este é o ambiente onde o aluno passa a maior parte do seu tempo escolar, e que tais práticas sejam devidamente contempladas. Nesse sentido, devemos adotar práticas universalistas que favoreçam o desenvolvimento dos alunos com TEA, uma vez que, como ressaltam Teixeira e Augusto (2024), "o processo de inclusão e adaptação deve ocorrer não apenas no AEE, mas também nos diversos espaços escolares frequentados pela criança" (2024, p. 184).

Dessa forma, quando falamos em práticas universalistas, queremos dizer que

Visa o acesso real currículo para todos/as, mesmo que de maneiras variadas, pois sua prática considera a heterogeneidade da sala de aula nos seus modos diversificados de aprender, valorizando a maneira como os/as estudantes expressam seus conhecimentos e a melhor forma para estarem envolvidos e motivados no aprendizado (Romano, Zerbato, Mendes, 2023, p. 102).

Nesse sentido, é imprescindível conhecer e se aprofundar nas práticas de ensino para garantir o êxito nas escolas inclusivas, pois, como afirmam Borges, Nogueira e Camargo (2024), "crianças com deficiência podem aprender e participar de ambientes comuns, onde metodologias específicas, que já existem e foram testadas com sucesso, podem ser implementadas" (2024, p. 161). Isso nos motiva a investir em estudos que tragam as práticas baseadas em evidências para



a sala de aula, conferindo sentido às aprendizagens de todos os alunos.

Portanto, ao integrar as práticas pedagógicas às práticas baseadas em evidências, estaremos promovendo a colaboração entre professores do ensino regular e professores de educação especial, o que é essencial para garantir a inclusão de alunos com TEA com qualidade.

## PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS ALIADAS ÀS PRÁTICAS UNIVERSALISTAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

As Práticas Baseadas em Evidências (PBE) têm ganhado destaque nas pesquisas científicas que tratam, especialmente, do TEA, pois sua aplicação adota estratégias educacionais eficazes nos processos de inclusão, maximizando os resultados das aprendizagens dos alunos. Schmidt, Nunes e Finatto (2024, p. 127) afirmam que “as práticas baseadas em evidências consistem em uma abordagem que prevê um protocolo de passos de pesquisa para facilitar a comparação dos diversos achados”. Portanto, essas práticas precisam ser compreendidas antes de serem aplicadas.

Ainda existem muitas críticas quanto à aplicação dessas práticas na sala de aula regular brasileira, assim como no contexto internacional. Schmidt, Nunes e Finatto (2024) explicam que, assim como em outras áreas, na educação não é diferente, e ainda há resistência à sua aplicação.

No entanto, na educação inclusiva, as PBE têm demonstrado um papel crucial ao proporcionar intervenções que atendem às diversas necessidades dos alunos no contexto da escola inclusiva. O uso de estratégias cientificamente validadas garante que o processo educativo desses alunos seja mais assertivo e eficiente, podendo ser ajustado ao longo do processo educacional, conforme as realidades apresentadas por cada estudante com TEA.

Schmidt, Nunes e Finatto (2024) apresentam um quadro com as 28 práticas baseadas em evidências publicadas em 2020. Dentre elas, no contexto escolar, podemos destacar a Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA), que consiste em uma intervenção para ensinar o uso de um sistema de comunicação, seja ele não verbal, vocal, com ajuda ou sem ajuda. Os autores também mencionam a instrução assistida por tecnologias, definida como uma tecnologia destinada a engajar e apoiar a aprendizagem e o desempenho do aluno. A intervenção naturalística também merece destaque, pois, conforme sua descrição, pode ser incorporada às atividades e rotinas do dia a dia do aluno, estimulando-o naturalmente a desenvolver habilidades.

As Narrativas Sociais ou Histórias Sociais (HS) também surgem como uma prática passível de associação à literatura infantil, pois são definidas como intervenções que têm como uma de suas principais características o auxílio no desenvolvimento de comportamentos, por meio de exemplos com respostas adequadas às situações. Essas narrativas são elaboradas individualmente, de acordo com as necessidades dos alunos.

Silva, Arantes e Elias (2020, p. 4) esclarecem que “as HS devem fornecer informações sobre o que as pessoas, em uma determinada situação, estão fazendo, pensando ou sentindo, a sequência dos eventos, a identificação de pistas sociais significativas e seu significado, e o roteiro do que fazer ou dizer.” Ou seja, podemos utilizar histórias da literatura infantil para organizar as histórias sociais, conferindo-lhes, assim, sentido e significado.

Para que essas histórias possam ser aplicadas efetivamente dentro da sala de aula regular, é fundamental que estejamos em um ambiente no qual os professores atuem de maneira colaborativa. Por essa razão, as práticas universalistas, como o ensino colaborativo, são apresentadas como alicerces essenciais para promover um ambiente de aprendizagem para todos os alunos. Enquanto as práticas baseadas em evidências garantem a eficácia das intervenções, as práticas universalistas asseguram que o ambiente escolar esteja acessível e adaptado para que todos possam participar, proporcionando aos alunos maiores oportunidades para aprendizagens significativas.



## LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A literatura, independentemente da fase de estudos, representa uma riquíssima fonte de saberes, uma vez que possibilita o contato com universos que podem conduzir os estudantes no aprimoramento das habilidades linguísticas e cognitivas e, sobretudo, a reflexões e ao desenvolvimento do pensamento crítico.

Nesse contexto, Ezequiel Theodoro Silva (1999), destaca que no estímulo à leitura e ao estudo das literaturas, almejam-se leitores que não se adaptem de forma inocente à realidade apresentada, mas que, através das práticas de leitura, possam participar de maneira ativa da transformação social. Assim, estimular a plena compreensão da literatura, instigando os estudantes a participarem criticamente da dinâmica do universo da leitura, constitui-se na finalidade básica no contexto escolar.

Contar histórias de literatura infantil é uma prática comum nas escolas regulares brasileiras, uma vez que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca essa atividade como essencial para o desenvolvimento das crianças. No entanto, é necessário articular metodologias mais eficazes para apresentá-las ao público com TEA. Isso se deve ao fato de que, conforme aponta Schmicht, os alunos com TEA enfrentam dificuldades de compreensão da linguagem em níveis variados, além de dificuldades nas funções executivas, o que compromete os processos de atenção, memorização e compreensão dos contextos. Contudo, assim como todos os estudantes, eles também têm o direito de usufruir desse recurso como ferramenta de ensino e aprendizagem.

Rodrigues (2021, p. 51) explica que "as dificuldades que as crianças com TEA apresentam em relação à compreensão da linguagem verbal podem comprometer a própria compreensão da história. Assim, a atividade de contar histórias pode se tornar pouco agradável e sem interesse para elas." Isso ocorre porque a linguagem figurativa, presente nas histórias de literatura infantil, exige compreensão linguística, uma vez que utiliza metáforas, analogias e ironias, elementos que dificultam a compreensão e o engajamento dos alunos com TEA nas histórias apresentadas pelos professores no contexto escolar.

Reconhecem-se as dificuldades de comunicação, em que existe uma dificuldade na compreensão, em manter contacto visual, no uso de expressões faciais, na gestualidade e na postura corporal. Em alguns casos a criança revela dificuldade em manter uma conversação, noutros casos a criança não usa a fala nem recorre com facilidade à comunicação gestual (Rodrigues, 2021, p. 37).

Apesar dos desafios, a literatura infantil oferece inúmeros benefícios para os alunos com TEA. Ao explorar as histórias, esses alunos podem desenvolver e aprimorar suas capacidades de compreensão linguística, além de melhorar sua interação social. Costa (2020, p. 13) nos explica que "a literatura é inundada de conhecimento sobre as pessoas e o mundo. Ao ler e escrever obras literárias, encontramos a nós mesmos e o sentido da sociedade à qual pertencemos". Além disso, Costa (2020, p. 13) ressalta que "a prática literária proporciona não somente o conhecimento da vida sob a ótica da experiência do outro, mas, da mesma forma, nos permite experimentar essa experiência".

Compreendemos que a literatura infantil é um recurso eficaz de ensino, mas para que os alunos com TEA tenham acesso a ela de forma que consigam aprender e alcançar os objetivos de aprendizagem, é necessário flexibilizar os recursos utilizados para contar essas histórias. Isso pode ser feito por meio de recursos visuais e histórias previsíveis, que facilitam a compreensão e envolvem esses alunos no contexto de ensino e aprendizagem.

Para que isso aconteça, a colaboração entre professores é fundamental, uma vez que a



inclusão de um aluno com TEA no ensino regular não é uma tarefa isolada. É preciso criar um ambiente favorável para que a inclusão ocorra de forma efetiva. Entendemos como prática de colaboração quando

O professor de ensino comum e o de educação especial trabalham juntos, desenvolvem um currículo diferenciado para suprir as necessidades de todos os alunos, compartilham o mesmo planejamento discutem avaliação e o manejo de classe para a melhora do ambiente de aprendizagem. (Mendes, Vilaronga, Zerbato 2023, p. 94)

Assim, a literatura infantil possui um grande potencial como ferramenta de inclusão, mas para que isso se concretize, é fundamental a adoção de estratégias adequadas e o trabalho colaborativo entre os professores. A avaliação contínua de cada caso específico contribui para que todos os alunos, incluindo aqueles com TEA, se beneficiem das experiências literárias.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa é de natureza bibliográfica, conforme Gil (2002, p. 44), que define a pesquisa bibliográfica como aquela desenvolvida a partir de material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos. Além disso, é qualitativa, pois busca explorar e analisar de que forma a literatura infantil pode facilitar o processo de inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular.

Prodanov e Freitas (2013, p. 55) afirmam que “a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições de vários autores sobre determinado assunto”, o que permite um aprofundamento nos conceitos relacionados ao tema e uma melhor compreensão das teorias existentes. Para isso, foi realizada uma revisão de literatura com base em artigos publicados em plataformas digitais que dão acesso aos e livros que abordam o ensino colaborativo, as práticas baseadas em evidências e o uso da literatura infantil na educação, proporcionando dados teóricos de grande relevância para o contexto estudado.

A escolha das fontes de investigação proporcionou uma amplitude e profundidade para a construção do referencial teórico. A partir dessas fontes, foi possível identificar tantas possibilidades e quanto os desafios que também precisam ser explorados no futuro, evidenciando a complexidade e riqueza do tema.

Essa abordagem bibliográfica possibilita uma síntese sólida do tema, permitindo que, a partir da revisão da literatura, se realizem análises críticas das teorias apresentadas. Com isso, é possível identificar e sintetizar como essas práticas podem ser aplicadas no contexto da escola de ensino regular.

Sabemos que a pesquisa bibliográfica é fundamental para a reflexão e a produção de novas conclusões e discussões. Entretanto, sugerimos que essas reflexões sejam, posteriormente, discutidas e avaliadas também nos espaços práticos das escolas de ensino regular.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir das discussões e dados apresentados sobre a inclusão dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular, podemos concluir que, para que as práticas de inclusão tenham eficácia, é essencial que o ensino regular adote práticas universalistas, fundamentadas em Práticas Baseadas em Evidências. Para isso, é necessário que haja uma articulação entre os professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e os docentes das salas de aula regulares. Nesse contexto, destaca-se a importância de práticas como o ensino colaborativo, que se destaca por sua capacidade de considerar as diversidades presentes na sala



de aula, promovendo a participação de todos os estudantes (Romano, Zerbato e Mendes, 2023). Nesse sentido, pesquisas científicas realizadas recentemente, apontam que

o sucesso da educação inclusiva é disponibilizar o trabalho colaborativo entre o ensino comum e o ensino especial, garantindo que o professor responsável pela turma possa contar com o apoio de um professor com conhecimentos específicos na área de necessidades educacionais especiais, promovendo condições satisfatórias no processo de inclusão das pessoas com tais necessidades. (Pinho, 2008, p.43- 44)

Dessa forma, implementar o ensino colaborativo, vem como uma prática que auxilia e não apenas orienta as tomadas de decisões quanto aos planejamentos e formas de conduzir as aulas do ensino regular, mas promovem as adaptações e flexibilizações necessárias para que os alunos consigam aprender aquilo que está sendo proposto. Com isto, as práticas baseadas em evidências surgem dentro deste cenário, como algo possível dentro da escola.

A implementação de práticas baseadas em evidências, como a Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) e as Narrativas Sociais, tem se mostrado cada vez mais eficaz no desenvolvimento das habilidades sociais, cognitivas e comportamentais de estudantes com TEA na sala de aula regular. Essas práticas evidenciam a possibilidade de incorporar as rotinas escolares de forma que atendam às necessidades individuais de cada aluno.

Neste contexto, refletir sobre a literatura infantil vem ao encontro da integração entre CAA e as Narrativas Sociais, fortalecendo as habilidades sociais, comportamentais e linguísticas dos estudantes com TEA, flexibilizando as formas de oferecer alternativas que promovam a compreensão adequada dentro do ambiente escolar.

Ao explorar a literatura infantil como um recurso para facilitar a inclusão de estudantes com TEA, Zilberman (2012) sintetiza que essa prática conecta o leitor ao seu cotidiano, tornando a literatura infantil uma ferramenta pedagógica de grande relevância no desenvolvimento de habilidades sociais. As narrativas sociais, por sua vez, possibilitam que esses estudantes aprimorem seus comportamentos em diversas situações vivenciadas na sala de aula regular, promovendo respostas adequadas ao contexto.

Para que a prática da literatura infantil tenha significado para os alunos com TEA, é fundamental que o ensino colaborativo seja a abordagem central. Isso porque ele promove uma parceria entre os professores do ensino regular e os de educação especial, permitindo o planejamento e a execução de práticas pedagógicas adequadas, de forma que cheguem aos alunos assertiva, pensada dentro das possibilidades desses estudantes. Assim, transformando o ambiente escolar em um espaço acessível e significativo, no qual os estudantes se sintam pertencentes e tenham acesso real às aprendizagens.

Dessa maneira, a inclusão de estudantes com TEA no ensino regular requer uma mudança paradigmática, na qual as estratégias pedagógicas sejam baseadas em evidências, garantindo que as necessidades específicas dos alunos sejam atendidas e promovendo a acessibilidade em todos os ambientes escolares. Portanto, ao articular a literatura infantil com as narrativas sociais no cotidiano escolar, utilizamos uma ferramenta prática e teoricamente robusta para promover o desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas de qualidade para os estudantes com Transtorno do Espectro Autista.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa explorou a inclusão dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular, destacando práticas pedagógicas baseadas em evidências, o ensino colaborativo, além do uso da literatura infantil como facilitador desse processo. Os resultados apresentados evidenciam que essas abordagens precisam ser adequadas e implementadas por meio da colaboração entre os professores do ensino regular e os professores do Atendimento



Educacional Especializado (AEE). Essa colaboração é essencial para oferecer soluções que atendam às especificidades de cada aluno, promovendo o desenvolvimento de suas habilidades sociais, cognitivas e comportamentais.

A análise dos dados foi realizada a partir de uma abordagem teórica e bibliográfica, não incluindo a avaliação da aplicação direta das narrativas sociais ou da literatura infantil nas salas de aula, o que restringe a compreensão de seus impactos nas realidades escolares. Contudo, observa-se que há um grande potencial para o ensino e aprendizagem quando as práticas baseadas em evidências são consideradas, visto que são práticas que já foram testadas anteriormente e já demonstram potencial de aplicabilidade, especialmente quando associadas à literatura infantil, dada sua relevância teórica.

Para pesquisas futuras, sugerimos a realização de estudos que avaliem a eficácia das abordagens discutidas, como o ensino colaborativo e as narrativas sociais, dentro do contexto educacional. Além disso, é fundamental investigar a formação continuada dos professores, tanto dos professores de educação especial que necessitam ter o domínio das metodologias mais adequadas dentro das especificidades, como dos professores da sala de aula regular que precisam estar alinhados. Esta formação vem a contribuir para a melhoria das estratégias pedagógicas utilizadas na sala de aula regular, levando em conta as especificidades de aprendizagem de cada aluno.

Desta forma, esta pesquisa reforça a importância das práticas pedagógicas inclusivas, através das práticas baseadas em evidências, no processo de inclusão dos estudantes com TEA. É crucial que os resultados dessas práticas estejam conectados ao contexto das escolas de ensino regular, ampliando a aplicação da educação inclusiva e promovendo a acessibilidade e a participação de todos os estudantes nos mais diversos espaços.

Por fim, a literatura infantil emerge como um valioso recurso complementar a essas práticas, proporcionando reflexões sobre o cotidiano bem como, os desafios sociais enfrentados. Espera-se que estas reflexões sirvam de subsídio para avanços teóricos e práticos na área da educação especial, beneficiando tanto os estudantes do ensino regular quanto os educadores e gestores dessas instituições.

## REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BORGES, A. A. P.; NOGUEIRA, M. L. M.; CAMARGO, S. P. H. A importância da escola para estudantes com autismo. In: SCHMIDT, C.; PAULA, C. S. (Orgs.). **Transtorno do espectro autista: pesquisas na saúde e na educação**. Campinas, SP: Papirus, 2024. p. 147-172. (Série Educação Especial).

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L3071.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L3071.htm). Acesso em: 07 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf). Acesso em: 05 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008a. Disponível em:



<https://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2025.

COSTA, A. da. **A importância da literatura infantil no desenvolvimento da criança: uma revisão bibliográfica**. 2020. Disponível em:

<https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/1392>. Acesso em: 06 jan. 2025.

SCHMIDT, C. Transtorno do espectro autista: onde estamos e para onde vamos *Psicologia em Estudo*, v. 22, n. 2, p. 221-230, abr./jun., 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i2.34651>. Acesso em: 06 jan. 2025.

MENDES, E. G.; VILARONGA, C. A. R.; ZERBATO, A. P. **Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar: unindo esforços entre educação comum e especial**. São Carlos: EdUFSCar, 2023. 160 p.

PINHO, M. C. **Contribuições do uso de atividades lúdicas em sala de aula, para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma intervenção no contexto escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, p.175. Disponível em:

<http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4379> . Acesso em: 07 jan. 2025.

PRESE, B. **A literatura infantil adaptada na educação inclusiva: alternativas de inclusão para o aluno autista numa perspectiva sociocomunitária**

. *Revista de Ciências da Educação* , Americana, ano XVI, v. 30, pág. 97-107, jan.-jul. 2014.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, A. I. L. **Envolvimento e desenvolvimento social de uma criança com perturbação do espectro de autismo: o contributo do conto de histórias**. 2021. Dissertação (Mestrado não publicada) – Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação, Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.21/13265>. Acesso em: 06 jan. 2025.

ROMANO, Soraia; ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. Desenho universal para a aprendizagem: uma proposta... múltiplos caminhos. In: MENDES, Enicéia Gonçalves (Org.). *Práticas inclusivas inovadoras no contexto da classe comum: dos especialistas às abordagens universalistas*. 1. ed. Campos dos Goitacazes, RJ: Encontro Grafia Editora, 2023. p. 100-124.

SCHMIDT, C.; NUNES, D. R. P.; FINATTO, M.. Práticas baseadas em evidências para a educação de crianças brasileiras com transtorno do espectro do autismo. In: : SCHMIDT, C.; PAULA, C. S. (Orgs.). **Transtorno do espectro autista: pesquisas na saúde e na educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2024. p. 125-146. (Série Educação Especial).

SILVA, E. T. da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, M. C. da; ARANTES, A.; ELIAS, N. C. **Uso de histórias sociais em sala de aula para crianças com autismo**. *Psicologia Em Estudo*, v. 25, e43094, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.43094>. Acesso em: 07 jan. 2025.



STEINBRENNER, J. R. et al. **Prática baseada em evidências para crianças, adolescentes e jovens adultos com autismo**. Trad. Terapia Aba: Luiza Guimarães e Roberta Dias. Chapel Hill: University of North Carolina, Frank Porter Graham Child Development Institute, National Clearinghouse on Autism Evidence and Practice Review Team, 2020. Disponível em: <https://ncaep.fpg.unc.edu/sites/ncaep.fpg.unc.edu/files/imce/documents/Pr%C3%A1tica%20Baseada%20em%20Evid%C3%Aancias%20para%20Crian%C3%A7as%20Adolescentes%20e%20Jovens%20Adultos%20com%20Autismo.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2025.

TEIXEIRA, M. C. T. V.; AUGUSTO, J. A. O. Família, escola e o transtorno do espectro autista. In: : SCHMIDT, C.; PAULA, C. S. (Orgs.). **Transtorno do espectro autista: pesquisas na saúde e na educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2024. p. 173-196 (Série Educação Especial).

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2012.